

Paulo Freire: uma Leitura a partir da Educação Cristã

Danilo R. Streck

No mês de março deste ano (1991) tive a oportunidade de conviver alguns dias com a equipe que trabalha no VEREDA-Centro de Estudos em Educação e que reúne os escritos de e sobre Paulo Freire. Foi uma oportunidade de chegar mais perto do trabalho de Paulo Freire e acompanhar o desdobramento de suas idéias. A documentação (cartas, trabalhos de estudantes, entrevistas...) permite ver com que facilidade este educador se movimenta em círculos e áreas diferentes: vamos encontrá-lo conversando com grupos populares e com intelectuais de universidades renomadas; tenta dar nova cara à burocracia da Secretaria Municipal de Educação numa cidade que enfrenta problemas proporcionais ao seu tamanho e assessora programas de alfabetização em sociedades que estão em processo de revolução; fala com conhecimento de causa do poder e demonstra um profundo carinho pelas pessoas, de modo especial as que lhe estão próximas e os pobres.

Enquanto lia, refletia e conversava com as pessoas fui formulando alguns pensamentos sobre aquilo que constitui a grandeza deste homem. Afinal, há outros educadores e pensadores que, apesar de vasta produção acadêmica de boa qualidade, não conseguem entusiasmar tanta gente em tão diferentes lugares com suas propostas. Não tenho a intenção de traçar um perfil psicológico de Paulo Freire, mas gostaria de destacar aquelas virtudes que emergem na leitura e que, não sendo exclusividade deste educador pernambucano, certamente poderão estimular um melhor auto-conhecimento por parte dos/as educadores/as em geral.

Em primeiro lugar, chama a atenção como Paulo Freire assume seu ser histórico. Suas opções políticas são claras desde os primeiros trabalhos, mas elas jamais se transformam em camisas de força. Desta forma, elas balizam sua ação e sua reflexão de uma maneira flexível, não havendo espaço para conversões espetaculares, nem para frustração e desespero quando a realidade comprova que as coisas não são necessariamente como ele quer que sejam. É o caso, por exemplo, do exílio a que foi forçado. Sua reação é a de quem compreendeu que, nesse momento, era essa a história a ser sofrida e vivida, não passivamente, mas em esperança.

Uma atitude que lhe permite encarar a história e a vida desta forma é a humildade. Humildade, no entanto, não é falsa modéstia e em várias circunstâncias ele faz essa distinção, assim como também distingue entre autoritarismo e autoridade. Graças à sua humildade, ele é capaz de entrar em diálogo com posições divergentes e constantemente recriar a sua própria teoria e prática.

Essa humildade já transparece muito bem no inquérito militar a que foi submetido. Seus inquisidores não quiseram apenas demonstrar que seu método tinha a ver com Stalin e Hitler, mas que ele pouco conhecia no campo específico da alfabetização. Para provar isso, trouxeram uma lista de métodos para que ele os avaliasse. Sua resposta, nessa circunstância, foi de que não pretendia conhecer tudo, mas que com aquilo que conhecia, ele queria contribuir para superar o analfabetismo em seu país¹.

A busca de coerência é outra qualidade que parece aproximar as pessoas de Paulo Freire. Ele tem consciência de que não existe algo como a coerência total. Seria o fim do próprio ser gente, uma vez que as contradições fazem parte da vida humana. No entanto, o que o caracteriza é a capacidade de aceitar suas contradições, não para justificá-las, mas para viver a densidade e complexidade da vida com suas tensões. Assim, por exemplo, ele consegue ser grato às mulheres quando apontam os indícios de machismo em suas obras e mesmo em sua vida; ele sabe silenciar para ouvir os outros na tentativa de detectar alguma nuance nova do problema colocado como objeto de reflexão.

Uma outra característica, agora mais em termos de teoria, é que sua reflexão tem um núcleo básico mais ou menos estável, o que lhe possibilita ampliar e adaptar as reflexões conforme a realidade específica. Não é, em si, uma teoria pronta e que pudesse ser simplesmente aplicada em qualquer situação. Com isso, o diálogo se amplia quase que infinitamente: há tentativa de uso da teoria em psiquiatria, no teatro, no ensino da matemática, etc.; há também um diálogo intenso com disciplinas como sociologia, filosofia, teologia, lingüística e política.

Para nosso objetivo interessa verificar especialmente o diálogo que Paulo Freire mantém com a teologia, apontando a partir daí caminhos para repensar a tarefa educativa da igreja. Essa tentativa não representa uma violência contra Paulo Freire, uma vez que, embora não sendo teólogo, a reflexão teológica está dentro de seu horizonte como educador e pensador.

Teologia e Pedagogia

Em um texto autobiográfico, Paulo Freire fala da influência religiosa de seus pais na formação de sua perspectiva de vida: “Com eles aprendi esse diálogo que tenho procurado manter com o mundo, com os homens, com Deus, com minha mulher, com meus filhos (...). Escolhi a religião de minha mãe (católica) e ela ajudou-me para que a escolha fosse efetiva.”² Esta opção perpassa a sua práxis e em várias situações vamos encontrar referências explícitas ao seu ser cristão, principalmente ao compromisso exigido pela fé cristã. Aliás, no mesmo texto ele menciona que “por causa da distância (...) entre a vida, o compromisso que esta exige e o que dizem os padres nos sermões de domingo” ele se afastou, temporariamente, quando tinha em torno de vinte anos, da Igreja (“não de Deus”). A leitura de Tristão de Atayde fez com que redes-

cobrisse a Igreja³. Mais tarde será esta “postura cristã, católica...” que irá “empurrá-lo” aos côrregos do Recife dentro do movimento da Ação Católica⁴.

Provavelmente uma das maiores contribuições de Paulo Freire para a educação cristã é ajudar a reinstaurar o diálogo entre a pedagogia e a teologia num momento histórico ímpar de surgimento de uma consciência de povo no Brasil. Esse momento de certa forma representa o nascimento da teologia e da pedagogia no país e na América Latina. Como marco desse fato situa-se a publicação quase concomitante de duas obras hoje clássicas em suas respectivas áreas: *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, publicado em 1970, e *Teologia da Libertação*, de Gustavo Gutiérrez, publicado em 1971. Estas obras sinalizam que do chão de um continente secularmente maltratado pode e precisa surgir uma nova prática, acompanhada de uma nova reflexão teológica e pedagógica. Descobre-se que as teorias pedagógicas e teológicas importadas simplesmente não correspondem aos desafios da realidade latino-americana. Para isso não há necessidade de negar ou anular a contribuição de teólogos e educadores do Primeiro Mundo, mas busca-se a sua superação no confronto com os problemas do povo.

O novo momento representa também uma ruptura com duas tendências dominantes na relação entre teologia e pedagogia. Numa delas, havia uma instrumentalização mútua, sendo que a teologia entrava com os conteúdos (já estabelecidos) e a pedagogia com os mecanismos de transmitir (“depositar”) estes conteúdos de forma eficiente. Na outra, simplesmente havia um distanciamento: a pedagogia estava fortemente influenciada pelo positivismo e pragmatismo que deixavam pouco espaço (se deixavam algum) para a dimensão religiosa e a teologia também não encontrava os caminhos para dialogar com uma ciência secularizada.

O que se nota agora, do lado da teologia, é um forte acento na questão metodológica. A teologia não se faz só na escrivadinha, mas brota da reflexão que o povo de Deus faz na sua jornada de libertação. E isso é um processo pedagógico. Enrique Dussel chega mesmo a definir a teologia como uma pedagogia. Ela ensina, conforme Dussel, a partir do Outro — no caso, o marginalizado pelo sistema dominante — sobre a invasão da história pelo Reino de Deus⁵.

Assim como a teologia latino-americana possui uma forte marca pedagógica, também a pedagogia de Paulo Freire está muito próxima da teologia. O próprio autor explica este seu interesse pela teologia, melhor dito, pela teologia comprometida com o processo de libertação:

Em minha opinião, o papel da igreja deve ser libertador, humanizador do homem... Exatamente por isso, estou cada vez mais interessado em trabalhar com teólogos. Acho que a teologia tem muito que fazer hoje em dia. Quer dizer, não considero a teologia como algo supérfluo, pelo contrário. Não me refiro à falsa teologia, à teologia do blá-blá-blá, à teologia idealista. Refiro-me a uma teologia que é parte da antropologia e que está historicamente capacitada para discutir, por exemplo, a palavra de Deus e nossas relações com a palavra de Deus. Creio que a minha atitude não pode ser a de um homem vazio que espera ser preenchido pela palavra de Deus. Acho que se quisermos ouvi-la, temos que nos envol-

ver no processo de libertação do homem. Por isso, acredito que a teologia deveria estar envolvida com a educação libertadora e uma educação libertadora deveria estar envolvida com a teologia.⁶

Esta reflexão teológica e pedagógica começa dentro de um contexto religioso e eclesial que se caracteriza pelo cansaço com a religiosidade alienante e pela reação a uma igreja durante séculos ligada ao poder político e econômico. Paulo Freire mesmo afirma que a igreja não pode mais ser “refúgio das massas”, mas que ela deve assumir seu papel profético dentro da sociedade⁷.

São, em última análise, os conflitos da sociedade no início dos anos 60 que também se fizeram sentir dentro da igreja. No caso da Igreja Católica, seguindo a orientação do Vaticano II no sentido de chegar a termos com o mundo moderno, o processo também significou encarar as alternativas de mudança que se apresentavam no momento em que um certo modelo político — o populismo — estava chegando a seus limites. As forças novas surgem principalmente dentro da Ação Católica: da atividade da Juventude Universitária Católica (JUC) origina-se a Ação Popular (AP), em 1961, destinada a promover a participação do cristão na sociedade⁸; a Juventude Operária Católica (JOC) introduz em seu trabalho o método ver, julgar e agir⁹; sob a coordenação do Bispo D. José Vicente Távora, a CNBB inicia, em 1961, o Movimento de Educação de Base (MEB) destinado à educação de adultos analfabetos do Nordeste através de programas radiofônicos¹⁰.

A teologia com que Paulo Freire se envolveu no início de sua experiência como educador é influenciada por teólogos e pensadores como Bernanos, Maritain, Teilhard de Chardin, Mounier, Martin Buber e Erich Fromm. Mesmo correndo o risco de simplificações e reduções procuro, a seguir, apontar algumas características do contexto teológico da época e que mais se refletem na teoria de Paulo Freire.

1. *Respeito pelo homem*: Lutando contra as sombras e a realidade de instituições autoritárias, há uma profunda valorização da pessoa. Em seu primeiro livro, *Educação como Prática da Liberdade*, Paulo Freire vê na “inexperiência democrática” a raiz dos problemas que afligem a sociedade brasileira. Iniciando pela característica predatória da colonização, passando pela falta de participação do povo nos eventos mais significativos da vida nacional (proclamação da independência e da república) e observando o comportamento das elites que se sobrepõem à cultura nacional, tudo isso são sinais de que o homem foi roubado de sua capacidade criadora, foi afogado “no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é *sujeito*”¹¹, o que significa também a alienação da capacidade inerente ao homem de estar aberto ao transcendente¹². Entre outros autores existencialistas, Paulo Freire cita Martin Buber, para quem é no encontro com o “Tu” que se encontra o “totalmente outro”, o “Tu eterno”¹³. Contra o mundo impessoal que a tecnologia moderna começa a criar, o mundo do “isso”, advoga-se uma volta à pessoa concreta, à sua existência aqui e agora. No caso da América Latina, o homem-objeto é acima de tudo o oprimido, dentro

de uma sociedade injusta e violenta.

2. *Liberdade*: Um dos temas centrais de Paulo Freire é a liberdade. O homem que não é livre — o homem dominado e oprimido — não ascendeu ainda à sua verdadeira condição humana de experimentar as situações-limite da existência como desafios a serem enfrentados e não como fatalidade. Provavelmente Paulo Freire diria com o outro Paulo, o apóstolo, que este homem livre, por excelência, é o cristão. Ele é livre não porque escolheu ser cristão ou livre, mas exatamente porque foi escolhido e libertado (cf. 2 Co 9.16-19). Como o expressou Bernanos, “estamos nesta grande aventura, porque Deus nos colocou nela”. No caso de Paulo Freire, conforme vimos acima, foi a visão cristã que o “empurrou” para a periferia, num exercício de liberdade e na busca de libertação com homens e mulheres condenados a viverem como prisioneiros em sua realidade.

3. *Humanização como possibilidade*: O mundo não está simplesmente à deriva, mas o futuro aparece como uma possibilidade aberta à criatividade humana. Paulo Freire cita Teilhard de Chardin para dizer que a conscientização corresponde ao específico na evolução do homem em sua relação com o mundo, ou seja, que nesta relação “há intencionalidade orientada para o mundo”¹⁵. A consciência é o meio através do qual o homem atinge novos níveis de relação com o mundo. Embora Paulo Freire tenha abandonado o uso do conceito de conscientização há cerca de vinte anos, permanece sua visão básica de que por ser “corpo consciente” o ser humano tem possibilidade, dentro das limitações impostas pela própria realidade, de refazer o mundo em que vive num constante processo de humanização.

4. *O compromisso do cristão com a história*: Paulo Freire defende um cristianismo ativo, engajado na denúncia da injustiça e no anúncio (por palavras e ações) de uma realidade nova. A muitas vezes pretendida neutralidade não passa de inocência ou esperteza¹⁷. Paulo Freire está aqui obviamente influenciado pelos setores progressistas da Igreja Católica, entre eles o já citado Tristão de Atahyde, defensor das reformas de base que estavam em discussão no início dos anos 60¹⁸. Firma-se na época um pensamento que vai influenciar decididamente a reflexão teológica na América Latina, assim definido por Mounier: “Rigorosamente falando, não há duas histórias estranhas uma à outra, isto é, história sagrada e profana. Há uma história apenas: a da humanidade em marcha para o Reino de Deus.”¹⁹ O trabalho do educador ou da educadora, seja ele/ela alfabetizador/a ou catequista, está integrado nesta marcha. Paulo Freire obviamente não tem interesse em formular uma teologia. Mesmo assim, como já analisou Hermann Brandt, sua pedagogia articula-se teologicamente a partir do “a priori” da fé no homem. Isso, no entanto, não significa que Paulo Freire diviniza o homem e o mundo no qual ele vive. Brandt enfatiza que o novo da teologia da libertação — e aqui estaria o ponto de confluência com a pedagogia — está exatamente em descobrir o mundo como o lugar da encarnação de Deus. Este mundo é o lugar onde se ouve o grito do

oprimido que é também o grito de Deus²⁰. A pergunta não é se o mundo é simplesmente mundo (como ocorre com o movimento de secularização na Europa) ou se ele possui um brilho divino. A preocupação da teologia e da pedagogia que surge na América Latina está em identificar-se com aqueles que são dominados.

Re-lendo Paulo Freire

Se a teoria de Paulo Freire não surgiu num contexto alheio à religião e à igreja, também é um fato que ela continuará crescendo sobre este mesmo chão. Não será difícil perceber por isso que grande parte da metodologia usada no âmbito da igreja busca sua justificativa em Paulo Freire. Isso ocorre de forma evidente nas comunidades eclesiais de base da Igreja Católica e nas pastorais específicas de diversas igrejas (Pastoral da Terra, Pastoral da Mulher e outras), mas também pode ser notado em programas e materiais mais tradicionais das igrejas. A pergunta naturalmente é como a teoria se reflete na prática. Ou será que também neste caso “na prática a teoria é outra”? Pelo que se percebe há um uso relativamente vago de algumas das idéias de Paulo Freire, muitas vezes com visíveis contradições. Creio que antes de avançar na análise deveríamos refletir sobre este fato.

É sabido que Paulo Freire não apresenta uma técnica pronta, que simplesmente possa ser aplicada em qualquer situação. O método, como ele mesmo frisa seguidamente, precisa ser reinventado. Isso não é tão simples para quem se vê confrontado com a pergunta: o que faço amanhã, quando entro na sala de aula ou quando o grupo se reúne para estudar a Bíblia? A própria realidade do/a educador/a não lhe deixa espaço para aquele momento de distanciar-se criticamente da prática e buscar novas alternativas. O sentimento de que há algo errado não chega a se materializar em propostas concretas, uma busca que também dificilmente pode ser feita de forma individual.

Por outro lado, é necessário que se reconheça que apesar de toda a precariedade da educação, dentro da igreja como na sociedade em geral, há muitos/as educadores/as que buscam redirecionar ou redimensionar sua prática à luz de teorias, entre elas a de Paulo Freire. Por isso, acima de tudo vale a vontade de refazer a educação que está presente nessas iniciativas e o que segue não pretende ser um critério para julgar a aplicação ortodoxa das idéias de Paulo Freire. O que se pode e deve procurar são formas de recriar a educação de maneira mais significativa, coerente e eficaz. A análise a seguir deveria ajudar nesse sentido e não funcionar como um fator inibidor na caminhada que muitos/as educadores/as já iniciaram.

Aponto apenas a título de exemplo algumas das noções associadas com Paulo Freire e que com certeza poderiam ganhar com uma reflexão mais abrangente:

a) educador/a e educando/a são iguais: esta noção tem servido em muitas si-

- tuações para legitimar o descaso do/a professor/a em relação ao ensino ou também para proteger os interesses imediatos dos/as alunos/as;
- b) educação política é informar sobre a realidade: acredita-se que a transmissão de dados sobre a realidade é suficiente para produzir cidadãos conscientes e engajados;
 - c) ausência de conteúdos: conteúdos são pacotes que servem para a domesticação e devem ser abandonados, em troca da reflexão sobre a realidade vivida e sentida;
 - d) método ver-julgar-agir (celebrar?): a aplicação deste método, introduzido através da Ação Católica no trabalho com as populações da periferia, é a concretização mais adequada, se não a única, da proposta metodológica de Paulo Freire.

Acredito que especialmente no trabalho da igreja a teoria de Paulo Freire pode adquirir sua validade e praticidade na medida em que formos capazes de identificar o seu núcleo dinâmico. Trata-se de procurar as perguntas que Paulo Freire fazia na medida em que procurava um caminho para a sua prática, não para simplesmente repeti-las, mas para recriá-las dentro de nossa realidade. Dito com outras palavras, trata-se de procurar a chave com a qual se possa abrir a porta que mostra o interior da casa com mais clareza. Desejo colocar-me junto na procura e na compreensão dessa chave.

Paulo Freire, constantemente nos desafia a encarar o óbvio. No caso da chave para a compreensão de sua teoria, deveríamos por isso voltar a atenção para aquilo que necessariamente está presente no ato educativo e que para Freire se constitui na sua própria essência: o ato de conhecer. O conceito tem lugar assegurado em quase todas as suas discussões mais aprofundadas da educação e a centralidade é afirmada categoricamente pelo próprio Freire:

Quando nós, educadores progressistas, falamos em ensino e aprendizagem, queremos nos referir ao processo global de conhecer. Ensinar é a forma que o ato de conhecimento, que o professor exerce, toma para sugerir testemunhalmente ao educando como deve ser o ato dele ao engajar-se no ato de aprender. O professor é a grande testemunha de *como se conhece*.²¹

Também na já citada entrevista ao Pasquim ele indica que estão certos os que tentam compreendê-lo através do “caminho epistemológico”.

O que caracteriza este ato de conhecimento ou esta situação gnoseológica? Em primeiro lugar, o termo *ato* é usado intencionalmente com o fim de indicar que educar não é um processo passivo de depositar conhecimentos. É muito conhecida a caracterização da educação tradicional como bancária. O problema dessa prática não reside na ineficiência, mas num erro epistemológico, ou seja, no fato de considerar o conhecimento como pacotes que podem ser transferidos de uma pessoa a outra. Sabemos que esta transferência funciona enquanto técnica de repassar conteúdos, como comprova principalmente a “eficiência” da maior parte dos meios de comunicação de massa. O que se faz com isso, no entanto, é privar a pessoa do uso criativo de sua inteligência

e dos conhecimentos já produzidos para interpretar e transformar a realidade, conseqüentemente limitando seu potencial de desenvolvimento como indivíduo e seu direito de cidadania plena.

Como toda a ação humana, o ato de conhecimento está situado no tempo e no espaço. Ele não se realiza num vácuo histórico e cultural, mas também não é totalmente determinado pelas circunstâncias nas quais ele acontece. Para Freire é básica a relação dialética entre consciência-mundo, sendo que os dois se constituem mutuamente. Não há mundo sem consciência, como não há consciência sem mundo. Outra forma de expressar isso é através da dialeticidade entre subjetividade e objetividade, que, se rompida, acaba originando ou o idealismo ou o mecanicismo. A historicidade do ato de conhecimento significa que a cada momento se busque clareza acerca das limitações e das possibilidades, o que se consegue através da reflexão sobre a própria prática.

O ato de conhecimento, como vimos, envolve sujeitos capazes e dispostos a conhecer. Chega-se daí à noção de diálogo, um ponto de referência fundamental para compreender a proposta pedagógica de Freire. Educação é, para ele, um processo de diálogo através do qual educador/a e educando/a constantemente problematizam o seu estar no mundo e sua ação sobre o mundo. A educação brasileira, escrevia ele em seu 1º livro, sofre de uma verdadeira “enfermidade da narração”²². O problema dessa educação não são necessariamente as aulas expositivas, mas a atitude que coloca educador e educando em posições fixas; um que sabe e outro que não sabe, um que pensa, outros que são pensados... Com isso, destrói-se o potencial da educação como ato de conhecer. O saber ou conhecimento é reduzido a algo estático, a ser doado ou transferido, destituindo-se o mesmo de seu caráter dinâmico e criativo²³.

Esta educação anti-dialógica não ocorre por acaso. Ela faz parte de um sistema social e econômico que tem interesse na “cultura do silêncio”²⁴. Por isso, o diálogo é o meio de devolver a palavra àqueles de quem ela foi roubada, a quem foi reduzido à condição de objeto. Readquirir a possibilidade de dizer a palavra significa readquirir a possibilidade de dizer o mundo.

Como é de se supor, uma práxis educativa baseada no diálogo tem também suas dificuldades. Aponto algumas delas que seguidamente levam a mal-entendidos na teoria de Paulo Freire:

1. *Diálogo não significa ausência de conflitos.* O tornar-se sujeito não acontece nem por decreto nem por doação. A descoberta de que o meu trabalho, a minha atividade transforma o mundo e que com esta transformação de certa forma estou fazendo a mim mesmo é, em si, uma conquista que não deixa de ter suas ambigüidades. Por um lado, ela abre imensas possibilidades de envolvimento; por outro lado, ela me coloca diante das limitações concretas que a realidade impõe.

Além disso, o diálogo não apaga diferenças fundamentais que existem numa sociedade de classes. Paulo Freire utiliza-se da noção de antagonismo de classe para dizer que o diálogo só é possível entre não antagonísticos. Entre antagonísticos é possível que haja pactos.

2. *Diálogo não significa ausência de posições.* A teoria de Paulo Freire é muitas vezes equivocadamente enquadrada entre as teorias não-diretivas. Embora tenha alguns elementos comuns (por exemplo, a confiança na potencialidade da pessoa), ele faz questão de destacar que sempre vai haver diretividade na educação. Educação é um processo de convencimento²⁵, no qual a aparente neutralidade apenas vai mascarar as verdadeiras posições. Ao assim fazer, “a teoria dialógica nega o autoritarismo como nega a licenciosidade. E, ao fazê-lo, afirma a autoridade e a liberdade.”²⁶

3. *Diálogo não significa ausência de papéis.* Principalmente nos últimos anos Paulo Freire vem acentuando que o diálogo não elimina os papéis de professor/a e de aluno/a. Por exemplo, não há porque o/a professor/a negar seu papel de ensinar. Só que ao ensinar ele/ela refaz seu ato de conhecimento para que os/as alunos/as possam também fazer o seu ato de conhecimento. Nesse sentido, ensinar jamais é um ato mecânico e repetitivo, mas “um ato criador, um ato crítico”²⁷.

Como Paulo Freire se Reinventa

O nome de Paulo Freire está associado à prática educativa em muitas áreas. Ao longo de sua carreira vamos encontrá-lo assessorando grupos de igreja, de educação popular e ultimamente cada vez mais de escola. No entanto, o início está numa experiência de alfabetização, na qual o núcleo dinâmico do qual falamos acima foi se definindo. A intenção, nesta parte, é ver como estas idéias básicas são concretizadas em situações diferentes pelo próprio autor. Veremos para isso, lado a lado, alguns aspectos da experiência de alfabetização e da concepção de escola que norteia seu trabalho à frente da Secretaria Municipal de Educação, em São Paulo.

Ler o mundo — ler a palavra. Paulo Freire partia do princípio de que aprender a ler não poderia ser uma mera repetição mecânica de palavras, sem nenhuma relação com a vida e a luta das pessoas. A leitura das palavras é sempre precedida da leitura do mundo, sendo que na alfabetização via de regra se dicotomiza entre estas duas leituras. Aprender a ler passa a ser um exercício de repetir fonemas, em vez de ser um meio de aprofundar, com novos instrumentos, a leitura que já se vinha fazendo da realidade. Por isso, as cartilhas em uso não poderiam ser de grande ajuda. Era necessário substituí-las por algo mais coerente com a proposta pedagógica em formação.

No início do processo foi colocado um momento de leitura do mundo através das assim chamadas “fichas de cultura”, isto é, codificações da realidade vivencial que procuravam enfatizar que o homem e a mulher são criadores da cultura e que o domínio de códigos lingüísticos traz novas possibilidades para compreender e transformar a realidade. Homem e mulher, ao fazer cultura, têm condições de transcender esta realidade e agir sobre ela de forma consciente²⁸.

Uma vez que a leitura da palavra é uma continuação da leitura do mun-

do, que já ocorre, as palavras para a alfabetização não poderiam ser escolhidas arbitrariamente pelos educadores. Inicia-se, por isso, uma pesquisa do universo vocabular ou lingüístico, a partir do qual serão definidas as palavras geradoras. Além dos aspectos técnicos de viabilidade quanto aos sons e grafia, estas palavras deveriam ser “grávidas de mundo”, isto é, serem capazes de fazer brotar a reflexão sobre o mundo em que as pessoas vivem.

Também no aspecto formal deveria haver uma mudança. Em vez de sala de aula, com professor falando e alunos escutando, Paulo Freire propunha a criação de círculos de cultura. Tanto educador/a como educando/a deveriam ser sujeitos do processo, como criadores de cultura que já eram.

Os resultados iniciais do método foram de tal forma positivos (em cerca de 40 horas os alfabetizados começavam a ler) que Paulo Freire foi nomeado coordenador do programa nacional da alfabetização. Mas o método não se restringia à eficácia no ler e escrever. No inquérito a que foi submetido nota-se como a tomada de consciência da realidade que ocorria no processo foi considerada perigosa e subversiva.

Escola com cara nova. A pergunta que muitas vezes se fazia é se Paulo Freire teria alguma aplicabilidade nas escolas e, principalmente, no trabalho com crianças. O fato de haver aceito o desafio de assumir a Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo é apenas um sinal de que Paulo Freire nunca entendeu que seu pensamento pedagógico estivesse limitado ao trabalho com alfabetização de adultos. Vejamos brevemente como ele recria sua proposta no contexto da escola, mais especificamente numa função burocrática.

Desde o início Paulo Freire fala que é necessário “mudar a cara da escola”. A escola que expulsa os seus alunos, que impede a participação da comunidade, que em suas relações reproduz o autoritarismo não tem a cara da escola que se quer. No documento “Construindo a educação pública municipal” aparecem os principais traços da nova cara que se vislumbra: “Queremos imprimir uma fisionomia a essa escola, cujos traços principais são os da *alegria*, da seriedade na apropriação e recriação dos conhecimentos, da solidariedade de classe e da amorosidade, da curiosidade e da pergunta...” Característico é a qualificação da escola como um lugar ao mesmo tempo alegre e sério. Alegre sem ser leviana e séria sem ser sisuda.

Paulo Freire sabe muito bem que tal escola não se consegue criar por decreto. Por isso, uma de suas prioridades está na formação permanente do quadro docente das escolas. Ele sabe também que antes de tudo precisa haver escola, ou seja, salas de aulas, carteiras, giz, bibliotecas, etc. Por isso, também vamos encontrar constante preocupação com a ampliação e a recuperação física das escolas da rede.

É uma escola que respeita a cultura da criança, mas ao mesmo tempo não deixa de lado a competência num sentido tradicional de dominar os conteúdos que vão habilitá-la a ter os instrumentos de participar na sociedade. Educação crítica não é substituir biologia por política, mas politizar o próprio conteúdo da biologia.

Uma outra marca de escola é a busca da democracia. Isso não se refere apenas ao nível das relações internas das escolas, mas inicia pela própria administração. Como revolucionário, ele defende que não basta tomar o poder, mas que é preciso recriá-lo. Isso parece não ser fácil dentro do que ele qualifica de burocracia perversa, malvada e ameaçadora. Há, no entanto, tentativas de descentralização que visam restabelecer maior autonomia às próprias escolas e comunidades (por exemplo, criação de conselhos e destinação de verbas cujo uso deve ser definido pelas próprias escolas). Em resumo, os três princípios básicos definidos pela sua administração são a participação, a descentralização e a autonomia.

A cidade de São Paulo pode ter pouca semelhança com a distante Angicos no interior do Rio Grande do Norte, mas em ambas transparece a fé nas pessoas como participantes ativos na aventura de conhecer e transformar o seu mundo. As condições geográficas e históricas colocam novos desafios que exigem a reinvenção da educação, sendo esta reinvenção possível graças a um núcleo teórico que permite a abertura a novas realidades.

E a Educação Cristã?

A análise realizada deveria ter ajudado a perceber algumas balizas que pudessem sinalizar a busca de uma prática educativa baseada em Paulo Freire. Vimos que a própria teoria de Paulo Freire é dinâmica e cresce na medida em que se confronta com novas realidades e novas idéias. Assim, no espírito da própria práxis de Freire, somos desafiados a recriar a educação em todos os lugares e em todos os níveis. A título de conclusão, desejo apenas registrar alguns aspectos que foram se evidenciando com mais força como pontos de referência para a tarefa de recriar a educação na igreja. São os seguintes:

1. A educação cristã, como toda a educação, é uma atividade que acontece dentro da realidade conflitiva, tanto da sociedade como da igreja. Este reconhecimento de que a educação é sempre uma prática política parece ser uma conquista pedagógica fundamental, que não deveria ser esquecida ou descartada em função de novas tendências que surgem e para as quais os/as educadores/as deveriam estar/abertos/as.

Isso significa, em primeiro lugar, ter consciência das forças que no momento fazem a história e do lugar de onde se está fazendo a leitura da história. O conhecimento recriado no processo educativo deveria ser uma ferramenta para compreender a história e inserir-se nela como sujeito. Na igreja da América Latina descobriu-se como especialmente o conteúdo da Bíblia pode ser dinâmico e servir de luz na luta do povo. Além disso, conhecer, na tradição bíblica, não é uma atitude passiva de “ser enchido” pela palavra: “Se vocês obedecerem às minhas palavras, serão de fato meus seguidores e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (Jo 8.31-2). Em outras palavras, a verdade é revelada ou desvelada no próprio processo de libertação.

A relação entre teoria e prática, entre gesto e palavra não é sem problemas para o/a educador/a. Paulo Freire tem sido criticado por uma visão demasiado idealista do ser humano e conseqüentemente de um certo basismo, ou seja, que a prática da base teria seu próprio corretivo, dispensando uma reflexão teórica mais profunda (teológica, pedagógica e de outras ciências). Para dirimir esta dúvida cito suas palavras numa entrevista ao periódico da CUT:

Para mim o basismo é um desvio ideológico da concepção progressista da história. Ele é uma traição à opção da liberdade, porque o basismo traz empenhado nele o desrespeito à unidade dialética entre prática e teoria. Dizer que o saber está apenas nas bases não é verdadeiro cientificamente. As bases têm um saber de experiência e é preciso que esse saber seja promovido criticamente a um saber testado pelos limites do próprio processo de saber (...) Negar a necessidade fundamental da teoria que passa a ser ridicularizada como academicismo é uma contradição com a opção da liberdade.³⁰

2. A educação cristã é um processo de diálogo, onde educador/a e educando/a constantemente problematizam a sua prática e colocam diante de si “objetos” a serem re-descobertos e explorados. O diálogo, como vimos na análise, não anula a função do/a educador/a como aquele/a que fez o ato de conhecimento, mas que mesmo assim mantém uma atitude curiosa diante do objeto, devendo re-fazer seu ato de conhecimento junto com os/as alunos/as.

O diálogo pressupõe a valorização da cultura do/a educando/a. Suas concepções, suas crenças devem ser o ponto de partida do processo educativo — não o ponto de chegada. Paulo Freire exemplifica a nossa tentação, na qualidade de educadores/as, de permanecer do lado de cá da rua, jogando o anzol para o educando que está do outro lado e que gostaríamos de fisgar. Fazer a Páscoa é, diz ele, se “ensopar nas chuvas culturais do povo”³¹. Embora os caticismos tenham sido abolidos como livros didáticos e substituídos por materiais mais modernos, permanece em grande parte um ensino de verdades prontas, desvinculadas da vida concreta dos/as educandos/as.

3. A educação cristã não está presa a um eterno presente, mas se move no horizonte de um futuro que já se antecipa em sinais e gestos concretos, enquanto se refaz o próprio horizonte. Neste momento em que a América Latina vive não apenas uma profunda crise econômica e de alternativas políticas, mas também uma crise de esperança, as idéias de Paulo Freire não deixam de representar um alento para quem talvez veja o mundo e as idéias desmoronarem à sua volta. Ele não se situa, como vimos, entre aqueles que vêem a educação como uma arma mágica e poderosa contra tudo que é tipo de males. Pelo contrário, ele afirma que a força da educação está exatamente em sua fraqueza como uma atividade situada dentro da história concreta. Hoje parece acima de tudo evangélico apostar novamente nessa fraqueza e reencontrar ali os sinais de esperança.

Para o/a educador/a isso significa viver tensões que, conforme Freire, não são sinais de fraqueza, mas virtudes. Destaco aqui apenas a tensão entre

a palavra e o silêncio³². Ela se refere, por um lado, ao mal crônico de uma educação de respostas, sem valorizar suficientemente a pergunta e a dúvida. No entanto, ao mesmo tempo que critica a cultura do silêncio, imposta por séculos de dominação, Paulo Freire também vê o silêncio como um espaço criativo, de gestação do novo. Crcio que é desse tipo de silêncio que estamos precisando muito nesse momento para ouvir as reais perguntas e perceber os verdadeiros sinais de esperança.

4. A educação cristã deverá dar uma atenção especial à linguagem. Desde a experiência de alfabetização até as práticas mais recentes a questão da linguagem é fundamental para Paulo Freire, uma vez que através dela é introjetada a dominação e através dela também se pode aprender a “dizer” o mundo de forma diferente.

A exploração do universo vocabular para descobrir aquelas palavras que são “grávidas de mundo” e para identificar os temas geradores não é um mecanismo restrito ao processo de alfabetização. Por exemplo, poderíamos perguntar pelas palavras do âmbito da religião que têm maior densidade para as crianças, para os jovens, para as mulheres ou outros grupos nas igrejas. É evidente que será difícil realizar algo como uma pesquisa participante, com uma equipe interdisciplinar que avalie os temas do ponto de vista sociológico, psicológico, histórico, etc. Na maioria das vezes, no entanto, os próprios temas se impõem a partir do mundo do trabalho, da vivência religiosa, da luta diária pela vida na família, na escola e outros lugares. Importante em tudo isso, independente dos mecanismos encontrados, será manter o “movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo”, movimento semelhante ao da Palavra que cria o mundo e nele se encarna, e que não voltará vazia (Is 55.10-11).

Notas

- 1 *Termo de perguntas a indiciado*. Recife, 01.07.1964.
- 2 Cf. Paulo FREIRE. *A mensagem de Paulo Freire*. Porto, Ed. Nova Crítica, 1977, p. 15.
- 3 Idem, p. 16.
- 4 Cf. entrevista ao *Pasquim*, ano IX, n. 462, Rio, de 5 a 11/5, p. 11.
- 5 Cf. Enrique DUSSEL. *Ethics and the theology of liberation*. Maryknoll, Orbis Books, 1978, p. 176. Dussel define a teologia como a “a pedagogia analética da libertação histórico-escatológica”.
- 6 Cf. Carlos Alberto TORRES. *Diálogo com Paulo Freire*. São Paulo, Loyola, 1979, p. 38.
- 7 Cf. O papel educativo das Igrejas na América Latina. In: Paulo FREIRE. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 105-127.
- 8 Cf. Charles ANTOINE. *Church and Power in Brazil*. Maryknoll, Orbis Books, 1973, p. 35.
- 9 Cf. Pe. José O. BEOZZO. *Cristãos na universidade e na política*. Petrópolis, Vozes, 1984, p. 35.
- 10 Cf. C. ANTOINE, op. cit., p. 39. Para uma avaliação do projeto do MEB cf. *Cadernos de educação popular*, n. 10, Petrópolis, Vozes/Nova, 1986.
- 11 Cf. Paulo FREIRE. *Educação como prática da liberdade*, p. 43.

- 12 Cf. Paulo FREIRE. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 32.
- 13 Cf. Martin BUBER. *I and Thou*. Edinburgh, T&T Clark, 1937, p. 79.
- 14 Ap. Brenno A. SCHUMANN. *Quatro textos escolhidos*. Cadernos de divulgação cultural, n. 2, ano 1, set. 1974, p. 2.
- 15 Cf. C. A. TORRES, op. cit., p. 30.
- 16 Cf. Pierre TEILHARD DE CHARDIN. *Meu universo e a energia humana*. São Paulo, Loyola, 1980, p. 22. Falando sobre o primado da consciência, Teilhard de Chardin afirma que “é talvez exatamente sobre a opção primordial entre o valor ou não-valor absoluto da maior consciência que se produz a grande secção entre os Homens bons ou maus, eleitos ou condenados.”
- 17 Cf. Paulo FREIRE. O papel educativo da Igreja na América Latina. In: *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 106.
- 18 Cf. Alceu de Amoroso LIMA. *Memorando dos anos 90*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1984, p. 51-55.
- 19 Cf. Emmanuel MOUNIER. *Quando a cristandade morre*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972, p. 215.
- 20 Cf. Hermann BRANDT. In der Nachfolge der Inkarnation oder: Das “Auftauchen Gottes” in Lateinamerika. (Zum Verhältnis von Befreiungspädagogik und Befreiungstheologie). In: *Zeitschrift für Theologie und Kirche*, 78, Jahrgang 1981, p. 367-89.
- 21 Palestra proferida em Porto Alegre, em 1989.
- 22 Cf. Paulo FREIRE. *Pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p. 65.
- 23 Id., *ibid.*, p. 67.
- 24 Id., *ibid.*, p. 67.
- 25 Creio que a distinção que Dermeval Saviani faz entre política e educação aplica-se também a Paulo Freire. Diz ele que, por se tratar fundamentalmente de relações entre antagonicos, “em política o objetivo é vencer e não convencer”. Por outro lado, “em educação o objetivo é convencer e não vencer”. Cf. Dermeval SAVIANI. *Escola e democracia*. 10. ed. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1986, p. 86.
- 26 Cf. Paulo FREIRE. *Pedagogia do oprimido*, p. 210.
- 27 Cf. Carta aos professores norte-americanos, de setembro de 1986.
- 28 Há uma reprodução das fichas no apêndice do livro *Educação como prática da liberdade*.
- 29 Cf. *Construindo a educação popular*. Diretrizes e prioridades para 1991. Ano 3. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.
- 30 Cf. Jeter GOMES e Waldeli P. MELLEIRO. Paulo Freire: um gosto pela liberdade. In: *Forma & Conteúdo*, n. 2, p. 25.
- 31 Cf. Paulo FREIRE. *Educação popular...* São Paulo, Gráfica e Editora Todos Irmãos Ltda, 1984. p. 15.
- 32 Cf. Paulo FREIRE. *Virtudes do educador*. São Paulo, Vereda, s. d.
- 33 Cf. Paulo FREIRE. *A importância do ato de ler*. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1982, p. 22.

Danilo R. Streck
Caixa Postal 14
93001 São Leopoldo — RS